

OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1244	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	950	120	20 de Julho de 1913	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	1\$000	120		
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	1\$250	120		



NOVO MINISTRO DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, EM LISBOA, SR. DR. OSCAR DE TEFÉ E MINISTRA SR.ª D. MERCEDES DE TEFÉ

CRONICA OCCIDENTAL

Conheciamos já de nome o distintissimo critico de arte, sr. Moreira Freire.

De longe, notavamos com alvoroço de coração e espirito, o virtuoso afan em que se esforçava por defender os legitimos direitos da escola portugueza de pintura. Dia a dia, numa preocupação absorvente e persistente, o sr. Moreira

Freire não cessava, e não cessa, de sacudir a poeira densissima que os tempos e a indiferença ignara têm acumulado desoladamente sobre os quadros dos grandes Mestres. Em Portugal, uma ignorancia atrevida e farfalhante que na noite de anos decorridos se alevantara, foi um *simoom* que ameaçou sepultar em escombros as maravilhas da nossa Arte.

A Arte portugueza tem sido, como uma cidade-morta, sepulta em cinzas. Em tanto, uma voz longinqua e desconhecida

vogava misteriosamente no espaço e parecia segredar: *Hic Troia fuit!* Raros entenderam essa voz...

Rarissimos, obsidiados em desvaio pelo perfume das ruinas antigas, começaram de escavar profundamente o campo.

E foi então que preciosidades da cidade resuscitada e reconquistada se revelaram a nossos olhos surpresos e abismados. E' com admiração e comovida simpatia que neste momento lembramos

os nomes de José de Figueirêdo, Luciano Freire e Joaquim de Vasconcellos. Neste mesmo lugar, lhes temos rendido preito e homenagem. Moreira Freire não se impõe menos á gratidão do nosso espirito.

Foi com solicitude que o seguimos, ha anos, em coração, no esforço justo e patriótico que tendia a erguer, mais e mais, da penumbra, o extraordinario quadro da Misericórdia do Porto — *Fons Vitae*.

Numa pequena discussão que a incuria nacional não tornou mais ampla, teve o sr. Moreira Freire ocasião propicia de nos demonstrar o carinho que á malaventurada e mal-servida patria dedica e seguro tino e intensividade e extensividade dos seus conhecimentos. Agora, precisamente, acabamos nós de relêr, com redobrado interesse, os seus livros em que as linhas do assunto mais nitidamente se relevam. — *Un problème d'Art, l'école portugaise, créatrice des grandes écoles — e — Solution d'un problème d'Art.* — Na verdade, poucos, como ele, têm acompanhado com fervor e saber o movimento geral da Arte e a evolução acidentada da Arte portuguesa...

Pessoalmente, ainda ha poucos dias conhecemos o sr. Moreira Freire. E' uma figura palida, assinalada já pelo tempo, toda mosqueada de tics nervosos, com exaltação crescente no olhar e na voz.

Quando nos fala da sua preciosissima colecção de quadros, a sua fisionomia toma ardôres sugestivos de crente e a voz mergulha-se irresistivelmente numa escala labirintica de sons, que vai da surdina da confidencia até á nota aguda da altercação mais acalorada. A sua obsessão unica que se torna a sua maior alegria — é a Arte. Achou a finalidade da sua vida: — a Arte pura.

Sem dela viver, vive exclusivamente para ela.

Feliz! Soube concordar intimamente e perfeitamente, todas as forças quasi sempre antagonicas da vida humana, na orientação lucida e altissima dum ideal.

Tivemos o altissimo prazer de visitar a sua casa que vale incontestavelmente um optimo museu. Para verificar a realidade desta asserção basta folhear com cuidado o — *Catalogue discretif & raisonné des peintures anciennes de la Collection Moreira Freire* — e a — *Suite* — de 1913.

Ainda vibramos da profunda emoção que então sentimos. E é com vivo e irremediavel pesar que reconhecemos não poder, no momento, dedicar-lhe melhor e maior artigo de juizo e impressão. Preocupações e trabalhos de toda a ordem nos manietam de tal modo o espirito que mal podemos agora reviver, pela recordação, as horas infaveis de arte que na sua casa passámos.

Habita o sr. Moreira Freire, por conveniencias sentimentaes de espirito requintadamente artista e por conveniencias fisicas de saúde acautelada, um limpido e claro quinto-andar na Avenida da Liberdade.

Ao transpormos os liminares do predio, vemos que a rampa começa de caracoleiar adeante

e acima de nós, e é forçoso que realizemos no nosso animo uma resolução de tenacidade e audacia para a vencermos com exito.

Todavia, quando chegamos lá acima e por ventura transpomos a portaria de entrada, todo o nosso espirito se desanuvia e sentimos que alcançamos os liminares do paraíso.

Na verdade, a casa do sr. Moreira Freire não pode com propriedade chamar-se simples quinto-andar. E', com efeito, um rés-do-ceu... Nunca esta palavra banal foi tão justamente empregada.

De subito, num sonho de maravilha, as formosissimas figuras, tocadas de vida, pelas palêtas, embuidas em febre, dos grandes Mestres, aparecem-nos por encanto, como espectros gloriosos de além-mundo.

Assim, o illustre critico de arte realiso na terra um antevisionado Eden. Lida com Deus. Conquistou a Terra da Promissão.

Ainda perdura na nossa alma a emoção indefinivel do deslumbramento, para podermos destrinçar com serenidade e metodo as lindas coisas que lá vimos. Entanto, sabemos que logo de entrada topámos com um soberbo quadro de Velasquez — *Gentil homem Espanhol*. E' bem um genuino representante da cavalleiresca Espanha antiga, com nobreza e altivez no olhar e suntuosidade fidalga no traje. O *Massacre dum prisioneiro*, de Rembrandt, imprime-nos a feroz crueldade dum despotismo que se exerce faustuosamente. O efeito é de sublimidade. Deante do grande quadro, embargam-nos terror e admiração e deslumbro.

Sentimo-nos envolvidos daquelle ambiente de ferocidade e suntuosidade. As paginas duma historia longinqua tornam-se para nós paginas vividas intensamente. Pequenos fachos, em tremulinas, guiam-nos através daquela penumbra labirintica onde se esfumam moimentos e estatuas e colonatas, numa procissão de misterio panico.

No *Banquete de Herodes*, de Jacques Jordaens, o terrôr e o misterio são tocados duma idealidade mais pura. Os convivas *sentem* que se cometeu um atentado temeroso contra a justiça humana e divina. A fisionomia de Herodes vinca-se numa expressão rude de inquietação e horrôr. O olhar da Salomé é fixo, longo, envolvente e quasi contristado. Todavia, a attitude de Herodiade é soberba, dominadôra, altiva, e no encanto duma satisfação suprema faz gesto de cravar um garfo do festim na frente de João Baptista... O *retrato de Anna d'Austria*, de Paulo Rubens, é grandioso, no mimo da carnação e na infinita arte do desenho e colorido dos brocados, rendas e arminhos. O *sonho do menino Jesus*, de Pompée Battoni, exala da perfeição e suavidade do desenho um encanto que nos prende deliciosamente.

A *Joven Madona*, de Agnez Dolci, revela uma resignação tão delicada e um misticismo tão puro, que nos sentimos bem a fitar eternamente as linhas belissimas daquela frente e aquele olhar castamente velado por cilios longos.

As frentes dolorosissimas de Guido Reni! As virgens de Murillo! As mado-nas de Rafael Sanzio! E os longes fericos de Salvator Rosa! Veronese... Ticiano...

Quando reverbos na imaginação esses quadros de gloria dos grandes Mestres, prostramo-nos em extase de beatitude e as palavras brotam-nos dos labios como uma corrente de fogo — orações de graça, orações de supplicas...

A contemplação da pintura antiga torna-nos melhores de coração e mais bellos de alma.

ANTONIO COBEIRA.



Jamais uma creatura humana foi ou será compreendida por outra. Quando muito á força de habito, paciencia, interesse, amizade, estas se acceitam ou se toleram. — (Taine.)



O MASSACRE DE UM PRISIONEIRO — Quadro de H. Rembrandt Van Ryn

O novo ministro do Brasil em Lisboa sr. dr. Oscar de Teffé e ministra sr.^a D. Mercedes de Teffé

Com o devido ceremonial do protocolo, foi recebido pelo Chefe do Estado, no dia 5 do corrente, no palacio de Belem, o sr. dr. Oscar de Teffé, novo ministro dos Estados Unidos do Brasil, em Lisboa.

S. Ex.^a, acompanhado por seus distintos secretarios sr. dr. Veloso Rebelo e Belford Ramos, era esperado pelos srs. drs. Forbes Bessa, secretario geral da presidencia, Luis Barreto, sub-chefe do protocolo e secretarios do sr. dr. Manuel de Arriaga.

A recepção assistiram os srs. presidente do governo, ministro dos estrangeiros, capitão-tenente Leotte do Rego, official ás ordens do sr. Presidente da Republica, etc.

Não podia ser mais cordeal do que foi a recepção, sob as pragmaticas do protocolo, feita ao enviado de um país irmão cujos laços de sangue e de identidade politica cada vez mais se estreitam.

O discurso do sr. dr. Oscar de Teffé, que em seguida reproduzimos, é mais uma afirmativa do que acima dizemos:

«Tenho a honra de depositar nas mãos de V. Ex.^a a revocatoria da missão confiada ao meu antecessor e a carta de S. Ex.^a o Sr. Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil que me acredita como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto do Governo de Portugal. Não me sendo desconhecida esta linda terra a que me ligam laços bem intimos de sangue, asseguro a V. Ex.^a que me é sumamente agradável voltar a ela incumbido como me acho, da grata missão de estreitar ainda mais a nossa velha amizade. Atentas as relações de perfeita cordealidade e inquebrantavel harmonia de vistas existentes entre os nossos países irmãos pela raça e unidos pelos vinculos de mutua e sincera afeição, bem facil será o cumprimento desse dever. Brasil e Portugal representam com efeito no convívio das nações o simbolo da união modelar entre os dois povos cada vez mais ligados por interesses comuns. Permita-me pois Sr. Presidente que aos cordeais votos pela grandeza e prosperidade da Republica Portuguesa e pela felicidade de V. Ex.^a que envia por meu intermedio o chefe da Nação Brasileira, eu junte a afirmação dos meus sentimentos pessoais, por igual afetuosos. O meu maior empenho no exercicio das minhas funções, será o de tornar-me merecedor da estima e confiança de V. Ex.^a, do seu ilustre governo e do generoso povo português, ao qual ha muito aprendi a amar e a admirar. Assim, sirva-se V. Ex.^a dispensar-me a sua benevolencia e auxilio imprescindiveis no desempenho do meu cargo.»

A este discurso correspondeu o sr. dr. Manuel de Arriaga nos seguintes termos:

«Recebo das vossas mãos a Recredencial que por termo á missão do vosso ilustre antecessor e tomo conhecimento, com muita satisfação, da Carta pela qual S. Ex.^a o Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil vos acredita como Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto da Republica Portuguesa.

O objetivo da vossa missão coincide inteiramente com os intuitos do Governo Português, de estreitar cada vez mais as relações cordealissimas entre os dois países, quer promovendo o desenvolvimento incessante dos seus interesses comuns, quer afirmando cada vez mais a sua indissolúvel união e a conformidade das suas aspirações.

A perfeita harmonia de vistas dos dois governos, a simpatia e viva admiração que todos em Portugal dedicam á nobre Nação Brasileira, os vinculos de raça, de que tanto nos orgulhamos, e a mutua afeição dos dois povos antecipadamente asseguram o exito dos esforços que nesse sentido empregarmos. Considero como inestimavel penhor da reciprocidade de afetos do Brasil para com Portugal as provas de cordealidade que o seu Governo nos tem dado e os votos que nesta ocasião me apresentaes, da parte do Chefe da Nação Brasileira pelas prosperidades da Republica Portuguesa. Peço-vos, Senhor Ministro, para significar a S. Ex.^a o Presidente, o meu reconhecimento por esses votos e pelos que faz pela minha felicidade pessoal, transmitindo-lhe os que formulo pela grandeza e prosperidade da Nação irmã e pela ventura pessoal de Sua Excelencia. Pelo que vos diz respeito, Senhor Ministro, a boa

recordação da vossa anterior residencia neste país, os laços de sangue a que fazeis referencia, as vossas distintas qualidades e os sentimentos que manifestaes para com o povo português, tornam particularmente grata a escolha da vossa pessoa para o alto cargo que visdes desempenhar e garanto-vos antecipadamente toda a minha benevolencia e o leal concurso do Governo da Republica no exercicio da vossa missão.»

E' nos extremamente grato o registarmos no OCCIDENTE a volta a Portugal do sr. dr. Oscar de Teffé, que pela amizade que dedica a nosso país se torna digno do afeto dos portugueses.

O inicio da sua carreira diplomatica data de 1894, tendo desempenhado com grande brilho varias missões importantes, quer na America, quer na Europa, que o collocaram na primeira fila dos diplomatas brasileiros.

Em Lisboa, esteve o sr. dr. Oscar de Teffé, como primeiro secretario da legação uns tres anos e, por ultimo, encarregado de negocios, quasi um ano.

Durante esse periodo, em que se relacionou com a nossa melhor sociedade, sua ex.^a ponde reconhecer quanto era apreciado e estimado por suas excepcionais qualidades de um verdadeiro *gentleman*, não sendo menos apreciados seus dotes de diplomata, pela fórma como desempenhou sua missão, especialmente quando encarregado de negocios, revelando bem seu valor e oporosidade.

A Associação Commercial dos Lojistas de Lisboa, reconhecendo o valor das qualidades que distinguem o sr. dr. Oscar de Teffé, enviou ao ilustre diplomata, por intermedio dos seus corpos gerentes, uma mensagem de congratulação pelo alto cargo em que foi investido. Sua ex.^a recebeu os delegados com a maior cordialidade e trocou impressões sobre o modo de mais estreitar os laços de amizade entre os dois países irmãos e desenvolver suas relações commerciaes.

As simpatias que deixou em Lisboa novamente o acolhem na sua volta a esta capital, como a um amigo que se espera com carinho.

O mesmo se pôde dizer de sua ex.^{ma} esposa D. Mercedes de Teffé, que tão gratas recordações deixou na primeira sociedade lisbonense, onde volta agora com toda a sua gentileza de uma verdadeira *lady*, como diriam os inglêzes, e que os portuguezes consideram como senhora de fina intelligencia e trato cativante, formando um todo de bondade e distincção digno dos maiores respeitos e considerações.



PELO MUNDO FÓRA

Produziu certa impressão na Inglaterra e em toda a Europa, e talvez na America, o caso da indemnisação dada, aliás voluntariamente, pelo *marquês de Northampton*, herdeiro d'um grande nome e d'uma fortuna colossal, a *Miss Daisy Markham*, actriz de Londres, que se orgulhava de ser amada por aquella grande personagem, de quem havia recebido, entre outras, uma epistola cheia de protestos de eterno amor... mas em que o marquez, com o coração despedaçado, lhe declarava que, por conveniencias sociaes e em obediencia á vontade de seu pae, expressa na hora derradeira, lhe era absolutamente impossivel o cumprimento da sua promessa, vendo-se para sempre obrigado a renunciar á união que tão ardentemente sonhára.

Essa ruptura de contracto affligiu profundamente a desditosa actriz, que verdadeiramente aniquilada por uma noticia tão triste... ainda teve animo para tentar uma compensação, recorrendo ao tribunal competente, onde foi lida a famosa carta pelo celebre advogado e politico, *Sir Edward Carson*, que defendia os interesses da inconsolavel miss Markham, e de tal forma se houve que o riquissimo *D. Juan*, antes de ser lavrada

a sentença, arbitrou a extraordinaria multa de 50:000 libras, ao sejam, ao cambio actual, alguma coisa mais de 250 contos de réis!

Foi quanto rendeu aquella enternecedora cartinha de trinta linhas.

Nunca os grandes e inimitaveis escriptores — *Rudyard Kipling* e *Edmond Rostand* — que melhor tem feito pagar as suas obras, conseguirão bater este *record litterario*.

Eis uma grande e proficua lição para os *D. Juan* da velha *Albion*, que, quando confiarem ao papel perfumado as atribulações do seu coração apaixonado, devem recordar-se do *preço do juramento do marquês de Northampton*.

Para nós, frios e imparciaes chronistas do caso, o que nos consola e nos enche de jubilo é vêr que a especie humana, tão aviltada e decadente, ainda apresenta rasgos de dignidade e brio que a destacam de toda a animalidade:—o cumprimento da palavra dada, a noção do dever, o sentimento da honra.

Bem haja, pois, o nobre titular.

A Inglaterra acaba de soffrer a perda de *Alfredo Lyttelton*, uma das figuras mais em evidencia do partido conservador. Por parte de sua mãe era sobrinho de Glandstone, e pelo seu primeiro casamento era cunhado de Mrs. Asquith. Foi um dos maiores jogadores de *cricket* da sua geração e o campeão do *tennis* de 1882 a 1885.

A *Grã Bretanha* avança nas suas transformações sociaes e politicas. Depois de approvado o *Home Rule* para a Irlanda, que não tardará muito a ser posto em execução, veiu a *Separação da Igreja do Estado, no País de Galles*, approvada pela *Camara dos commons* pela segunda vez, em terceira leitura. Como succedeu com o projecto do *Home Rule*, esta medida terá de voltar aos commons terceira vez, depois do que será registrada pela *Camara dos lords*, antes de ter força de lei.

A Irlanda fez já um tremendo protesto contra o *Home Rule*. Foi no anniversario da *batalha d'Aughrim*, travada a 12 de julho de 1691, e de que triumphou *Guilherme d'Orange*. Houve um cortejo historico com mais de 50:000 orangistas protestantes que provocaram os catholicos *home rulers*, havendo lucta encarnizada. Os defensores de *Ulster* organizaram um comicio em que trovejou a voz de *Sir Edward Carson* e do *marquês de Londonderry*, que apostropharam violentamente o governo, contra cujas decisões o *Ulster* *estará sempre prompto a resistir pela força das armas*. *Bonar Law*, chefe do partido unionista, disse, em telegramma, que dava o seu assentimento e o do seu partido a todas as medidas *constitucionaes ou não* que *Ulster* entendia dever adoptar para sua defeza.

Por aqui se pôde avaliar a bella recepção que naquella parte da Irlanda vae ter a lei para cuja votação tantos esforços empregou o grande estadista Gladstone.

Na França continua a discussão agitada do *serviço militar de tres annos* e a perseguição aos inimigos da lei e do governo, ou seja aos membros da *Confederação Geral do Trabalho*, que é considerada foco de anarchismo e anti-militarismo.

O projecto militar francês está ainda em discussão, ao passo que a Allemanha já fez aprovar a sua lei de augmento do effectivo e do consequente imposto. Os socialistas francezes, em vez de seguirem a orientação dos allemães, que acima de tudo puzeram os altos interesses patrióticos, vão embaraçando e protelando a discussão por meio de expedientes... pouco parlamentares, como aquelle que ha dias foi narrado nos jornaes.

Os deputados socialistas dirigiram-se solemnemente á mesa da presidencia sobre a qual puzeram enormes massos de listas com 730:000 assignaturas contra a lei dos tres annos! O presidente ficou eclipsado por aquella muralha de papel, que havia sido transportado em automoveis, á ordem de *Jaurès*.

A aviação franceza tem caminhado de triumpho em triumpho. *Brindejoc des Moulinais* fez uma viagem de cerca de 5:000 kilometros por cima de sete paizes:

- 10 de junho — Paris — Wavre — Berlim — Varsovia — 1:400 kilometros.
- 15 de junho — Varsovia — Dvinsk — 550 kilometros.
- 16 de junho — Dvinsk — S. Petersburgo — 450 kilometros.
- 23 de junho — S. Petersburgo — Reval — 350 kilometros.
- 25 de junho — Reval — Stockholmo — 400 kilometros.
- 29 de junho — Stockholmo — Copenhague — 610 kilometros.
- 1 de julho — Copenhague — Haya — 700 kilometros.
- 2 de julho — Haya — Paris — 540 kilometros.

Brindejoc, o heroe d'este *raid*, é bretão de *Saint-Brieuc*. Tem 20 annos. Enthusiasmou-se pela aviação em 1910, ao vêr um vôo de *Garros*. Em 1912 entrou para a casa *Morane-Saulnier*; distinguise pouco depois no *circuito d'Anjou*, onde voou só com *Garros*.

Em seguida iniciou uma serie de viagens pela Europa, fazendo o circuito de Paris e S. Petersburgo.

Agora coube a vez ao aviador *Audemars*, que fez o trajecto de Berlim (Iohanisthal) a Paris (Villacoublay) num só dia, em monoplane *Morane-Saulnier*, ganhando a taça internacional de 2:000 marcos e um premio de 10:000 marcos, em 10 horas, com tempo pessimo. Os aviadores allemães, estimulados pela sua imprensa, dispunham-se a ganhar aquelle premio, mas adiaram a partida por causa da violencia do vento. *Audemars* aproveitou a occasião para levantar o vôo e deu um bigode aos rivaes.

Como estamos em maré de velocidades, mencionemos tambem o extraordinario arrojio do automobilista *Boutoi* da casa *Peugeot* que venceu o *Grand-Prix do Automovel Club de França*, percorrendo 916 kilometros e 800 metros em 7 h., 53 m. e 56 segundos, ou seja a velocidade média de 116 kilometros por hora!

E' o prodigio da velocidade, em automovel. O da velocidade pedestre foi realizado tambem por um francez, o athleta *Jean Bouin* que nos *Jogos Olympicos de Stockolmo* percorreu 19 kilometros e 21 metros em uma hora, batendo o *record* pedestre do mundo.

Mas o que é isto comparado com a telegraphia sem fios, que attinge a assombrosa distancia de 6:500 kilometros?! E' esta a distancia a que se acham as duas estações: *Eilvise*, perto do *Hanover* (Allemanha) e *Tuckerton* (Estados Unidos), as quaes já estiveram em comunicação, graças ao invento alternador do professor *Rudolph Goldschmidt*, que permite uma comunicação permanente em condições notaveis de regularidade e segurança.

Em janeiro d'este anno, o professor *d'Arsonval* disse que a telegraphia sem fios a grande distancia seria exequível depois da descoberta dos alternadores de alta frequencia. Agora o mesmo sabio faz o prognostico de que a utilização das mesmas ondas para a *telephonia sem fios* deve ser um facto dentro de poucos mezes.

Outro sabio, o professor *Behring*, de *Marburg*, a quem se deve a descoberta do *serum contra a diphteria*, acaba de descobrir a *vaccina* contra a mesma doença. D'ora avante, a medicina possui duas armas poderosas contra a diphteria: a *vaccina*, para prevenir, e o *serum*, para curar.

A humanidade procura assim lutar pela vida e approximar-se pelas idéas e pelos sentimentos, contra cuja expansão se não erguem as montanhas nem se alongam os mares, ligados umas e outros pela *Electricidade*, fonte perenne de energia, luz e calor. Por outro lado vemos essa mesma humanidade esphacelar-se ignobilmente, cega de ambições, esvurmendo odios, tripudiando! Uma onda de loucura perpassa por essa desgraçada região em guerra ha cerca de um anno — os Balkans. Hontem uniam-se gregos, bulgaros, servios e montenegrios para, de commum accordo, amigavelmente, retalharem o grande imperio turco. Hoje, não se harmonizando na partilha do avantajado despojo, a Bulgaria, o Leão da fabula, á voz de Savof, o ha pouco, grande generalissimo bulgaro, lança-se traiçoeiramente sobre os seus irmãos e aliados, com o fim de esmagalos. Mas, oh destino atroz! — a triumphante Bulgaria, é agora vencida em successivos combates, retirando vergonhosamente perante as invasões de servios, gregos e rumenios. Estes nem sequer encontraram resistencia.

Em poucos dias os servios tiveram 30:000 mortos e os bulgaros 60:000 entre mortos e feridos.

Ninguém pode prevêr até onde irá esta guerra fratricida. O certo é que o tratado de 13 de Março de 1912, a cujas clausulas a Servia não queria, e com razão, sujeitar-se, por não obter nenhuma compensação pelo seu grande esforço na guerra contra a Turquia, já não pode servir de base para a partilha da Macedonia.

As grandes potencias empregam todos os meios para solucionar o conflicto, que excede todas as previsões. Sir E. Grey, no parlamento britannico, disse que as potencias não podem impôr a paz pela força; farão quanto seja possivel para pôr termo ás hostilidades; a guerra actual é demasiado exgotante para durar muito tempo e não pode provocar nenhuma complicação que ponha em perigo o concerto europeu; a Bulgaria pediu á Rus-

sia que a ajude a obter a paz, e a Servia e a Grecia consentiram em cessar as hostilidades sob condições, de modo que elle, Sir E. Grey, espera que tudo acabará de maneira satisfatoria.

Veremos.

J. A. MACEDO D'OLIVEIRA.



O Novo Ministerio da Instrução

O parlamento votou, sob proposta do governo, a criação do Ministerio da Instrução. E' esta a terceira vez que se cria este ministerio, sendo a primeira ha 43 annos.

Foi primeiro ministro da instrução D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, para isso convidado pelo marechal Saldanha, quando, pelo celebre pronunciamento militar de 19 de maio de 1870, ele formou governo. D. Antonio da Costa formado em direito pela Universidade de Coimbra, deixou nome laureado na literatura portuguesa. Cedendo encetou sua carreira publica, nomeado secretario geral do distrito de Leiria, onde fundou o *Centro promotor de instrução popular*, o primeiro que houve no país, mas que poucos mezes durou. Foi tambem por concurso primeiro official da Direcção Geral de Instrução Publica, creada em 1859.

D. Antonio da Costa dedicou o melhor do seu trabalho á causa da instrução, e, muito especialmente á instrução popular. Durou pouco este ministerio, apenas 69 dias, pois terminou com a situação que o havia creado, mas nesse breve espaço a sua acção foi proveitosa, pois decretou a liberdade do ensino superior, da reforma da instrução primaria, as bibliotecas populares, as escolas normaes e a reorganização do teatro nacional.

O segundo Ministerio de Instrução que houve, foi creado, em ditadura, por decreto de 7 de abril de 1890, sendo presidente do governo Antonio de Serpa Pimentel. Para este ministerio transitou o sr. dr. João Marcelino Arroyo, da pasta da marinha, que occupava, e em que foi substituido pelo sr. dr. Julio de Vilhena.

Este ministerio pouco mais tempo durou do que o primeiro, extinguindo-se ao fim de uns seis mezes, com a queda do ministerio Serpa Pimentel, seguindo-se-lhe um governo progressista, presidido por João Crisostomo, que o suprimiu.

A sua curta vida não impediu que o parlamento votasse de afogadilho, no fim da sessão, a verba de 30:000\$000 para as despesas do pessoal, directores geraes, chefes, officiaes, amanuenses, etc., isto a titulo de experiencia, pois o proprio ministro que ia gerir a nova pasta, declarava francamente, no parlamento, que não sabia o que havia de fazer, precisando primeiro estudar o assunto, para o que aliaz era muito competente.

O Ministerio da Instrução agora criado, parece que não traz maiores encargos ao Tesouro Publico, porque para ele transita o pessoal das repartições da Instrução Publica, devendo instalar-se em parte do edificio do palacio das Necessidades.

O ministro escolhido para gerir a nova pasta é o sr. dr. Antonio Joaquim de Sousa Junior. E' natural da Vila da Praia da Vitoria, onde nasceu em 1871. Cursou o Seminario de Angra, para se dedicar á vida ecclesiastica, mas abandonou este curso, vindo para a Escola Medica do Porto, onde concluiu seus estudos em 1898. Em 1903 foi nomeado, precedendo concurso, lente substituto e em 1906 promovido a lente efetivo de medicina e operações. Quando, no Porto, appareceu a peste bubonica, foi nomeado medico auxiliar da repartição de saude e hygiene e depois director do Laboratorio de Bacteriologia do Porto.

Prestou tão valiosos serviços por occasião daquela epidemia que lhe valeu o ser lhe conferida uma medalha de ouro pela Real Sociedade Humanitaria. Quando na Ilha Terceira graçou tambem a peste ofereceu espontanea e gratuitamente seus serviços para ir ali combater a terrivel epidemia, o que foi aceite, empregando os meios de debelar o mal com feliz resultado.

A convite do governo provisório foi representar Portugal na Conferencia Internacional de Muckden, contra a peste, e fez parte da comissão de estudo da assistencia medica, no Porto.

Não é novo na vida politica, pois militou no



POSSE DO MINISTRO DA INSTRUÇÃO X DR. ANTONIO JOAQUIM DE SOUSA JUNIOR
TENDO À DIREITA O PRESIDENTE DO GOVERNO, E MINISTROS DOS ESTRANGEIROS, DO INTERIOR,
DAS COLONIAS, GOVERNADOR CIVIL DE LISBOA, ETC.

partido progressista com o sr. José Luciano de Castro.

Hoje ocupa, no Congresso, o lugar de senador em que se tem distinguido em varias discussões e onde apresentou o seu projeto de lei sobre o estreminio dos ratos, como condutores da peste, impondo a cada cidadão o contribuir para esse estreminio, com uma dada quantidade de ratos mortos.

Esse projeto, cuja intenção era boa, não passou nas camaras, provavelmente por sua execução não ser pratica.

O sr. dr. Sousa Junior tomou posse da nova pasta da Instrução, no dia 12 do corrente, a qual lhe foi dada pelo sr. dr. Affonso Costa, presidente do governo, comparecendo a este acto os srs. ministros do interior, dos estrangeiros e das colonias, governador civil de Lisboa e muitos amigos do novo ministro.

O sr. presidente do governo pronunciou um discurso alusivo ao acto declarando que a criação daquele ministerio era o cumprimento de uma das promessas do programa democratico, sentindo-se feliz por ter podido realisar-a, pois a instrução do povo é a base da reconstrução da Patria Portuguesa, confiando que o novo minist-

tro saberá dar-lhe pleno cumprimento, não obstante o espinhoso do encargo.

O sr. dr. Sousa Junior, agradecendo, disse que bem sabia quanto era espinhoso o encargo que ia tomar, mas dedicaria todo o seu esforço em resolver os importantes assuntos que tem a tratar.

Que este novo ministerio não tenha a sorte de seus antecessores é o que será para desejar.



A telegrafia sem fios no Exército Português

Realisaram-se durante os dois mezes que decorreram entre os meados de maio e de julho últimos os exercicios mais intensivos de pratica do serviço de comunicações radiotelegráficas pelo pessoal da Companhia de Telegrafia Sem Fios pertencente ao contingente de recrutas que, em conformidade com a actual Organização do Exército, recebeu este ano a sua instrução de 25 semanas.

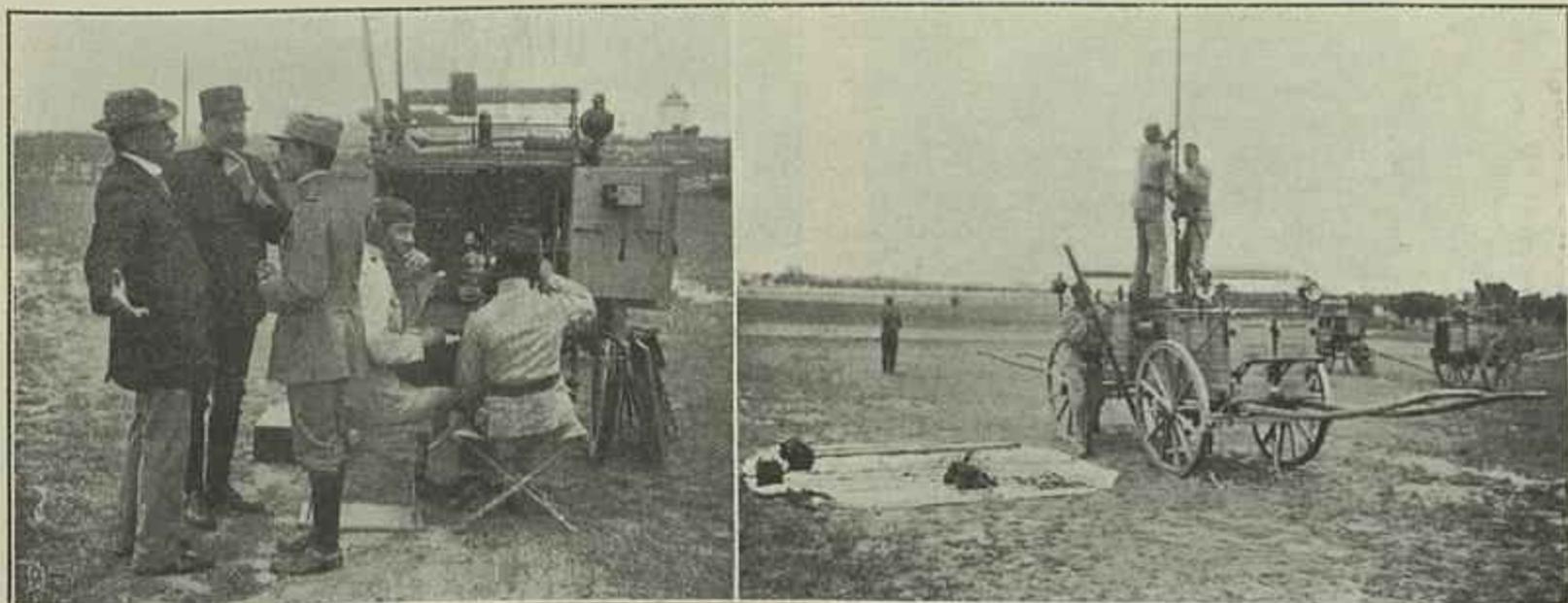
Tendo-nos sido solicitadas, pela illustre direcção de O OCCIDENTE, algumas notas a proposito des-

ses exercicios com o fim de acompanharem as fotografias neste numero reproduzidas, muito gostosamente acedemos a fornecê-las, não só a titulo de esclarecimento dessas fotografias, como tambem o podermos contribuir com uma pequena quota parte para o relevante e patriótico serviço de vulgarisação científica e divulgação das nossas aquisições no campo da ciencia aplicada que esta prestante revista tão excelentemente tem realiado no nosso país. Nesta ordem de ideias, offerece pois um certo interesse iniciarmos estes ligeiros apontamentos indicando resumidamente a forma por que se acha atualmente resolvido o problema da Telegrafia sem Fios, para em seguida nos referirmos em especial á solução, eminentemente pratica hoje adoptada nos exercitos, para as suas applicações militares e de que nos offerecem um demonstrativo exemplo os exercicios a que aludimos.

Logo desde o começo da telegrafia eléctrica ordinaria, que ao espirito dos experientes naturalmente se apresentou o problema de telegrafar a distancia sem o auxilio de quaesquer condutores metálicos, e foi essa avidez de uma progressiva libertação das peias impostas pela natureza que, conjugando-se com a observação e estudo dos efeitos provocados a distancia por certos fenómenos eléctricos, conduziu pouco a pouco os investigadores á solução baseada nas propriedades das ondas hertzianas. Essas ondas, assim designadas em homenagem ao fisico alemão Hertz, a quem se deve o seu mais completo estudo, são ondas eléctro magnéticas geradas na descarga em determinadas condições de aparelhos eléctricos especiaes, e propagam-se pelo espaço semelhantemente ás ondas liquidas que nascem do choque de uma pedra sobre a superficie dum liquido e vêmos propagar-se em circulos concentricos, e ás ondas sonoras que, produzidas pela vibração dum corpo, se transmitem de camada em camada pelo ar fóra, em todos os sentidos até encontrarem um ouvido que as percêba.

Apresentam, porém, as ondas hertzianas a seguinte particularidade: é que, uma vez produzidas, nenhum dos nossos sentidos é susceptivel de acusar a sua existencia, tornando-se necessário um aparelho especial para de algum modo revelar a presença das ondas a qualquer distancia. Esse verdadeiro ouvido eléctrico acha-se ha alguns anos descoberto sob varias formas, e hoje de tal modo aperfeiçoado que pôde a milhares de kilometros acusar a passagem duma onda hertziana; para isso, a sua sensibilidade especialissima é aproveitada eléctricamente para fazer funcionar um teléfone onde a passagem das ondas é acusada por um ruido particular mais ou menos demorado, ou para pôr em movimento um dispositivo gráfico em que ele fica registado por um traço mais ou menos longo. Posto isto, comprehende-se que por um sistema de sinais préviamente estabelecidos se possa transmitir

A telegrafia sem fios no Exército Português



CARRO-ESTAÇÃO DURANTE O SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES — AO PÉ OS SRS. GENERAL RODRIGUES RIBEIRO (QUARTEL MESTRE GENERAL DO EXERCITO),
CORONEL RODRIGUES MONTEIRO (INSPETOR DO SERVIÇO TELEGRAFICO MILITAR) E ALFERES FERNANDO MOREIRA DE SÁ (COMANDANTE DA SECÇÃO)
— DURANTE A MONTAGEM DO MASTRO-SUPORTE DA ANTENA

A Coleção de Quadros Antigos do sr. Moreira Freire

(Veja Cronica Occidental)



RETRATO DE ANNA DE AUSTRIA
Quadro de Pedro P. Rubens



UM PAR AMOROSO
Quadro de Jean Debuourt



INTERIOR RUSTICO, EM FAMILIA — Quadro de Cornelis Bega



A JOVEN MARGARIDA DE ESCOCIA ADORMECIDA
Quadro de Jean Debuourt



O MEDICO ALQUIMISTA
Quadro de Christian Dietrich



OS JOGADORES DE CARTAS — Quadro de David Teniers (filho)



RETRATO DE UM GENTIL HOMEM ESPANHOL — Quadro de Velasquez



O MOLHO D'AGUA — Quadro de Meindert Hobbema



O SONO DO MENINO JESUS
Quadro de Pompée Battoni

quaesquer palavras, fazendo produzir na estação transmissora séries de ondas de maior ou menor duração; e é de facto com os sinais do código Morse, universalmente aceite, em que cada letra é representada por uma combinação de pontos e traços, que hoje a transmissão do pensamento se realisa através de todos os mares e por sobre todos os continentes.

Mencionemos, por último, um órgão importante das estações de Telegrafia Sem Fios e que é a *antena*. É constituída por um conjunto de condutores dispostos duma forma variavelmente especial, pendentes a uma certa altura, e desempenhando a função particular de facilitar não só a irradiação das ondas pelo espaço, como também a sua captação na estação receptora.

Com respeito ás applicações militares da Telegrafia Sem Fios, faremos, como exemplificação da adaptação destes principios geraes á pratica, uma referencia especial ás estações transportaveis de que o nosso exercito está dotado e que são destinadas ao serviço de comunicações entre os exercitos operando em campanha. Divide-se a nossa Companhia de T. S. F. em secções, cada uma das quaes pôde montar uma estação completa cujo alcance atinge em condições favoráveis 200 kilometros.

Cada secção é dotada de 4 viaturas que transportam todo o material e pessoal necessário para a montagem e funcionamento da estação, e das quaes duas constituem respectivamente: o carro-estação, onde vão montados os aparelhos tanto de transmissão como de recepção, e o carro-motor, contendo o motor a gazolina e o alternador que produz a energia electrica necessária para o funcionamento dos aparelhos de transmissão. O 3.º carro transporta o material destinado á montagem do mastro-suporte d'antena, que é constituído por 12 tubos d'aço que se encaixam uns aos outros pelos topos até atingir á altura de 25 metros, ficando ligados á sua parte superior os 12 cabos de bronze cujo sistema forma a antena tomando a disposição das varas de um grande guarda-chuva aberto.

A 4.ª viatura é o carro de parque que especialmente transporta material para bivaque.

Possue este material radiotelegráfico notáveis qualidades muito para apreciar tendo em vista o fim especial a que é destinado. Dotada a Secção de grande mobilidade, garantida pelas suficientes qualidades de resistencia das viaturas, permite ella que chegadas estas ao local estabelecido para a montagem e desengatado o gado, em uns 40 minutos possa estar arvorado o mastro e a estação pronta a funcionar, realisando-se as operações inversas ainda em menos tempo.

Foi nestas condições que durante dois mezes seguidos, em dias alternados, se realisou o serviço de comunicações a que nos referimos, entre 3 das Secções para esse effeito mobilizadas, primeiramente entre os vértices do triangulo Lisboa—Santarem—Vendas Novas e por ultimo entre os do triangulo Lisboa—Tancos—Evora. As distancias médias alcançadas foram respectivamente de 70 e 110 kilometros. Concluiremos dizendo que se obtiveram sempre entre as 3 estações esplendidas comunicações, mercê das suas admiráveis qualidades, quer technicas, quer as naturalmente exigidas pelo especial serviço a que é destinado o material radio-telegráfico de campanha da nossa Companhia de Telegrafia Sem Fios.

Lisboa, julho de 1913.

FERNANDO MOREIRA DE SÁ,
alferes de engenharia



ROMANOE

Victor Debay

Amiga Suprema

Versão livre autorizada pelo autor,
por Alfredo Pinto (Sicavem)

Primeira parte

II

NOCTURNO A DUAS VOZES

(Continuado do numero antecedente)

Um som de clarim semi-apagado pela distancia fez-se ouvir e logo os relógios por sua vez avisaram a hora. No ceu as

estrellas iam diminuindo de intensidade com a aproximação da lua ainda escondida por algumas nuvens tempestuosas.

— Vamos á praia outra vez, disse o general.

— A' praia?!

— Sim, é o nome que dão aqui ao terrasso central. O vento fresco que lá corre faz recordar que estamos juntos ao mar, por isso lhe chamam assim.

A lua ia apparecendo rodeada de nuvens franjadas de prata, os seus raios cahiam como chuva luminosa envolvendo d'uma poeira de diamantes a fachada do palacio que ficava na sombra. Foi um verdadeiro despertar do parque adormecido. O grande numero de estatuas se destacava do fundo escuro dos bosques. As escadarias e os vasos de marmore em uma incerteza de forma e côr illuminavam-se de graça e phantazia.

Os lagos assemelhavam-se a grandes espelhos onde as imagens se repetiam sob a tremura continua das aguas. Os topos das arvores balouçavam se em um movimento cadenciado; ao longe vapores nascidos da terra subiam lentamente.

— Parece que sinto, disse Fombreuse, os acordes immateriaes que Mendelsshon poz no preludio do *Sonho de uma noite de estio*. Recorda-se sr.ª Le Cozan d'essa tonalidade incerta? Encontro-a nos coloridos diversos d'este parque.

— Eu, disse Anna, pensava antes nos *Amores do poeta* de Schumann.

Anna Le Cozan cantarolou alguns compassos.

— Porque não canta alto?

E com um gesto de amizade, Fombreuse pegou no braço de Anna, marcando o rythmo da musica. A voz de Anna suspirou notas d'essa ariasinha que semelhante a um minuetto ouvido de longe, convida a dançar ou antes a sonhar.

Fombreuse tambem cantou:

*J'entends violes et flûtes
Et les trompettes aussi...*

cuja melodia sorridente sob os raios da lua, fazia nascer nos corações uma atmosfera de sonho.

— Recomecem, pediu Seraphina, as vossas vozes harmonisam-se delicadamente.

Anna e Fombreuse por diversas razões estavam contentes d'esta approvação!

— Que palavras seriam necessarias, disse Fombreuse, para que traduzissem o que nós sentimos! Que phrases poderiam pintar, ainda que levemente, este nocturno de si tão fluido! Seria necessario a palavra completada pela musica com todo o seu encanto e graça, com toda a força do seu poder esthetico.

Uma sineta tocou com força, aviso que os jardins iam-se fechar.

— Já?! disse Seraphina que pelo braço do pae analysava tristemente a natureza que a rodeava.

Dirigiram-se para a porta da capella. Fombreuse de vez em quando voltava-se ainda a admirar todo aquelle lugar encantador.

Os ultimos visitantes, sombras negras entre os phantasmas brancos das estatuas, andavam a passos lentos, como se sabissem de uma festa religiosa. As proprias crianças que tinham brincado sobre

os canteiros de relva, caminhavam lentamente, penetradas n'aquelle silencio.

— As horas aqui passadas foram agradaveis, disse Fombreuse.

Anna Le Cozan parou como a respirar mais profundamente aquelle ar impregnado de perfumes tão variados e subtis.

.....
Ao sahirem dos jardins, Fombreuse despediu-se.

Desde que o ruido dos seus passos foi desaparecendo pouco a pouco, a sr.ª Carbranches começou os elogios:

— Que homem encantador, que fino espirito!

— Eu bem lhe dizia, interrompeu Anna.

— Que artista! disse o general.

Logo que chegaram a casa, Anna foi immediatamente sentar-se ao piano. Pelas janellas atravez das cortinas de rendas, a lua entrava iluminando de uma forma vaga os moveis e os mais pequenos objectos. Anna preludiou ao acaso varios acordes. Mas um arpêjo conduziu-a á tonalidade mysteriosa d'uma melodia de Fauré, delicada e em harmonia com a hora e o sentimento da sua alma. Então cantou:

*«Je veux que le matin l'ignore,
Le nom que j'ai dit à la nuit,
Et qu'an vent de l'aube sans bruit,
Comme me larme il s'évapore...»*

— Bravo, disse a sr.ª Carbranches, que a tinha ouvido com a maxima attenção, que sentimento, como a sr.ª sente a musica!

III

ILLUSÕES

Como Steimbaum voltasse do passeio, que todas as manhans dava pelas ruas á procura de impressões artisticas, encontrou na porta de Fombreuse a chave que a creada Claudina se esquecera de tirar. Não tinha visto o seu amigo desde a visita a Versailles, Varios acordes foram ouvidos, como a convidaremno a entrar, atravessou então um pequeno corredor que ia ter ao quarto onde encontrou Fombreuse.

O compositor estava sentado ao piano. Na estante assentava um manuscrito, que era folheado nervosamente. Fombreuse estava completamente absorvido na leitura, e de forma tal que Steimbaum poudo aproximar-se sem que fosse visto. Uma bella phrase de paixão era cantada sob uma polyphonia cheia de doçura.

Steimbaum reconheceu, mais humanizado, o *motivo* do orgulho da *Venus*.

No momento em que Fombreuse parou, o gravador poz-lhe as mãos nos hombros.

— Muito bem... Oh! perdão, meu amigo.

Fombreuse voltou-se rapidamente, mostrando um rosto palido e os olhos cheios de lagrimas.

— Oh! perdão, de ter vindo perturbar com a minha chegada uns momentos tão estheticos. Vi a chave na porta, e como intimo, entrei, mal sabendo que viria encontrar uma alma em vibração com a arte! não sei...

(Continúa.)

AS TERMAS DE LUSO



Luso

A nascente da agua minero-medicinal de Luso, com a sua soberba caudal de 16:000 litros por hora, encontra-se na parte central do edificio principal do estabelecimento balnear, a meio do pequeno vale que separa duas suaves encostas ocupadas pelos dois bairros de que se compõe a povoação de Luso — o Luso de Além e o Luso da Igreja — no extremo noroeste das faldas da notavel e historica serra do Bussaco, extra-muros da frondosa e formosissima mata de carvalhos e de cedros seculares, verdadeira preciosidade nacional que de ha longos anos vem sendo visitada e admirada por grande numero de *touristes* nacionaes e estrangeiros.

Não tem esta alegre estação a monotonia da maior parte das escuras e tristes aldeias de algumas das nossas provincias, nem os divertimentos excitantes das grandes capitães e o ar viciado que nellas geralmente se respira. Não incomoda os seus habitantes e os seus hospedes com frio ou calor excessivos, nem com ruido semelhante ao dos grandes centros de população, verdadeiro flagelo dos doentes nas longas e extenuantes noites de insomnia.

O clima desta privilegiada região, 200 metros acima do nivel do mar, é temperado. Na primavera e no outono a temperatura oscila entre 12 a 20 graus centigrados. Nos dias mais quentes do ve-



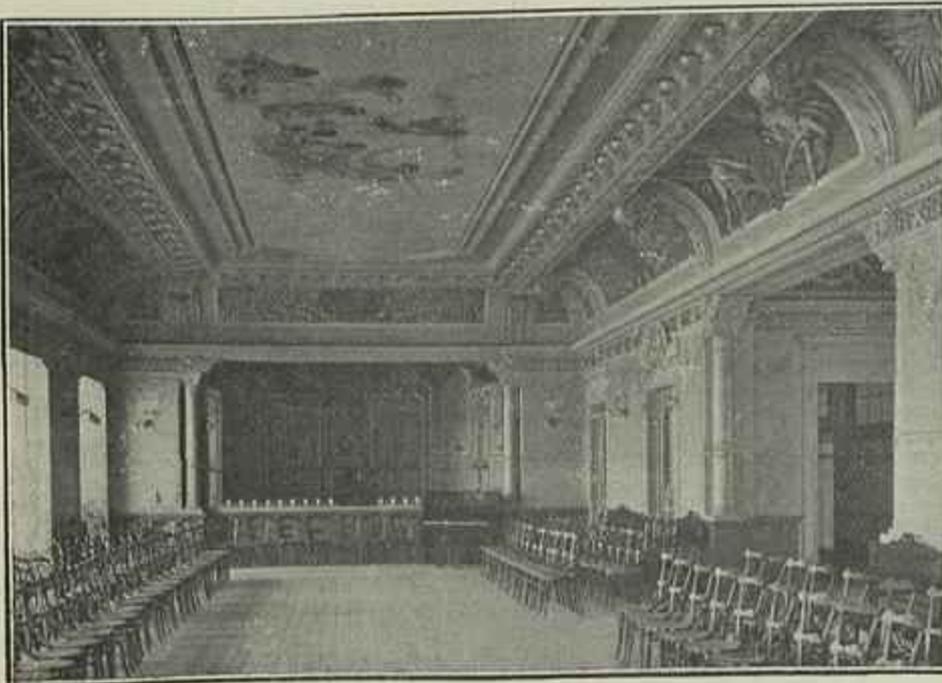
OS DOIS ESTABELECIMENTOS BALNEARES E CASINO

rão, de todo o país, especialmente das cercanias de Luso, veem abrigar-se aqui e na vizinha mata do Bussaco, inumeras familias que, dispondo de tempo e de meios, podem vir repousar e retemperar-se á sombra das grandes arvores, junto das multiplas nascentes de agua cristalina e das cascatas, com o ar fresco, puro e vivificante da montanha, filtrado pelas extensas matas de pinheiros das regiões circunvisinhas. A atmosfera é, em geral, limpida, e são tão raros os dias de nevoeiro que quasi pôde dizer-se que em Luso não ha nevoeiros. Não ha tambem humidade atmosferica excessiva e não se encontra lama nas ruas nos dias de chuva, devido á inclinação e á grande permeabilidade do solo.

Nas noites serenas ouve-se, lá ao longe, um ruido suave,



A FONTE



SALÃO DE BAILE E THEATRO

uma especie de murmúrio somnifero, produzido pelas pequenas quedas de agua do grande numero de regatos que irrigam e fertilizam os terrenos cultivados das encostas, e pelos pitorescos moinhos primitivos, dispersos pelo vale abaixo, accionados pela agua da tortuosa ribeira que está naturalmente destinada a alimentar um vasto lago, que difficilmente virá a ter rival no nosso país e representará, por analogia, o lago Lemán da Evian portuguesa.

Todo este conjunto tão harmonioso parece ter sidometiculosamente preparado e predestinado pela natureza para acalentar doentes. Luso é, sem contestação, uma estação de cura, calmante por excellencia, a primeira do nosso país para o tratamento de neurasténicos, cardiacos e convalescentes.

A cura de Luso é analogia, senão superior á de Evian. E' a cura pela diurese.



DIVERSÕES DE VERÃO — UM «PIC-NIC» NO MONTE ESTORIL

Promovido pela família Machado da Cunha Lisboa realizou-se, na quinta Monte Leite, obsequiosamente cedida para esse fim pelo sr. Caetano Lopes um alegre *pic-nic* em que tomaram parte as sr.^{as} D. Palmira Machado da Cunha Lisboa, e suas filhas D. Constancia, Cecilia, e Julia, D. Soledade Lopes e filhos, D. Cristina d'Oliveira e sobrinhos, D. Maria

Pereira de Mendonça, e os srs. José Nascimento, Canuto, Luiz Machado da Cunha Lisboa, Manuel Bruzaca Lopes, Manuel Lopes Brito, Roldão Sousa, Vicente Costa e C. Alberto Lima, colaborador artistico desta revista. Foi uma festa muito animada, que decorreu alegre, nesta época do ano tão propria para estas diversões.

Tomada de Ceuta Falecimento de Albuquerque

I

Ao apêlo, expresso em bem redigida representação da benemerita Sociedade de Geografia de Lisboa, para ser celebrado em 1915, o centenario dos dois factos indicados, respondeu o gabinete Duarte Leite com um decreto, para o qual eu tive a honra de colaborar mediante uma proposta.

Esse decreto, datado de 26 d'outubro de 1912, acha-se publicado no *Diario do Governo*, n.º 259, correspondente ao dia 4 de novembro do citado ano.

Nêle, é nomeada uma comissão, presidida por Anselmo Braamcamp Freire, presidente do Senado, com o fim de: «concentrar todos os esforços no patriótico intuito de interessar no esplendor desta celebração todas as actividades da sociedade portuguesa».

Antes de proseguir, quero aqui registar o seguinte alvitre: cunhagem de uma moeda e emissão de um selo, comemorativos.

Entre o ano de 1415, tomada de Ceuta, e o ano de 1515, falecimento de Albuquerque, decorre o periodo magno da nossa existencia historica, de que participou, de fórma inapagavel, o progresso e a civilização do mundo.

Nas condições e circunstancias do presente, que reclama com instancia maxima, um continuado esforço educativo, de molde a acentuar no espirito publico o sentimento de nacionalidade e o consciente civismo de caracter, ajusta-se e acomoda-se o apostolado preparatorio de que haja de derivar, na hora oportuna, a expansão geral de entusiasmo, revelador de todos os portugueses se encontrarem perfeitamente compeetrados da autentica eficiencia de genuina causa e do seu alto alcance moral, comprovado com absoluta legitimidade.

Podemos donominar aquele periodo, como pagina singular por nós escripta no anuario universal dos povos, em que um poema de portentosa insperação teria de ser o brado infindo e o terno arquivo!

Na época em que abrimos Ceuta e demos inicio ao discorrer triunfal, para cujo realce, pleno

e fulgorantissimo, estava ainda por então apenas no possível futuro, o perfil imperterrito do conquistador de Gôa, Malaca e Ormuz, em semelhante época, não eramos afeitos a esterilidades palavrosas e, se houve alguns ladrões, não foram cobardes!

Daquella Ceuta iamós lançar-nos á larga véla de destino ignoto, mas com animo de querer, com voluntaria firmeza de energia audaz.

Iamos, e fômos, de facto, a não parar jámais; agora mesmo não param em actos de heroismo, em gentilezas sublimadas os tristes párias, que salvam vidas, que arrancam irmãos desconhecidos á indomita furia das ondas.

Ceuta! Albuquerque! — O quanto valem, significam e testemunham estas expressões, de tão simplificada pronuncia!...

Em 1915, ligar-se-hão, pelo beijo da Sciencia, no abraço do Atlantico e do Pacifico, essas aguas em que o nome português ficou e permanece vinculado para os seculos e para as glorias.

O espantosamente activo povo norte-americano dignou-se convidar para a solenidade inaugural do Panamá, as diferentes potencias do globo, e será timbre de portugueses que, ao comparecer a sua representação oficial nos Estados Unidos, esta possa fazer notar com brioso orgulho a coincidência da abertura do canal prodigioso, no mesmo ano que data para o minuscuro país do extremo occidental da Europa a duplicidade centenaria em que se lhe geraram penhores de incidência sugestão aventurosa e de indelevel continuidade incentiva, a que o mar serviu de teatro imenso e de que ha nomes e obras em todos os continentes, a segredar qualquer filiação!

Por isso, a meio quasi de um capitulo consagrado ao infante de Sagres (*Historia da Geographia* por Acacio da Silva Pereira Guimarães) tem inteiro cabimento esta passagem, irrefutavel:

«Que faltava portanto á humanidade para rasgar os caminhos mais occultos da Terra e explorar as regiões absconditas dos mares e dos continentes austraes?»

Faltava-lhe um povo que se deixasse seduzir pela tentação das aventuras, favorecido por um dominio geographico que o puzesse em relações com o oceano desconhecido, inflamado por uma crença que lhe desse a força de vencer todos os obstaculos e um homem, um guia que concentrasse todas as energias d'esse povo e o impelisse ao cumprimento da sua missão historica.

Esse povo appareceu e chamou-se Portugal; o guia foi o Infante D. Henrique.»

Até então, duas tarefas nos trouxeram empenhados, — a afirmação autonómica, e o sacudimento dos mouros para fóra do terreno peninsular.

Com Afonso 3.º, o *bolonhez*, liquidára-se definitivamente o problema do islamismo, que a posse do Algarve epilougou a valer; com a decisiva batalha de Aljubarrota, segura houvessemos base de organico ser politico, independente.

Não feneceu, porém, no peito nosso, o ardor de energia avassaladora e a simultanea ambição febril.

Com effeito, o que poderia esperar-se de gente criada na luta constante com inimigo invasor, habituada assim a existencia cheia de agitação e de tumulto, forçada por fim a contêr-se nos acanhados limites de uma estreita nesga, entre a Hespanha e o oceano Atlantico?!

Em breve a Imprensa irradiaria da Allemanha pela mão de Gutemberg, e não tardaria muito tempo sem que de todo se encerrasse a época medieval, pela quêda de Constantinopla!

O ano de 1415 assinalar-se-ia na Historia, não tanto por estas expressões memoraveis com que um mussulmano, Maomet 1.º, respondeu ao ingrato principe de Karamania, ingrato e canalha:

«Ce serait ternir ma gloire que de punir un infâme comme toi. Si ton âme perdue t'a poussé à trahir tes sentiments, la mienne m'inspire des sentiments plus dignes de mon nom: tu vivras.»

(*Histoire de l'Empire Ottoman* par le V.º A. de la Jonquière); não, pelo desfecho sangrento da batalha de Azincourt em que os francezes, de Carlos 6.º, dentro de sua propria casa, foram derrotados completamente pelas tropas de Henrique 5.º, de Inglaterra; não ainda pelo espectáculo comico e grotésco de tres papas coetaneos, na igreja catolica, mas pelo feito dos Portuguezes, sem tanto estrondo no momento, sem eco retumbante n'essa hora do Tempo!!

E, entretanto, d'ahi, podemos aplicar á patria Lusa este nitido conceito de versos horacianos, traduzidos pelo erudito professor José Leite de Vasconcellos, no interessante volume ácerca de Wilhelm Storck:

«A Fama, cujas asas nunca param de bater, o levará pelos seculos fóra.»

Foi, por boca d'ela, dito e redito ao mundo que a vetusta praça de Ceuta era entrada pela planta da portugueza gente; e, pela mesma boca, se dirá e redirá, ante o assombro de gerações infundas, um vocabulo singular que define uma genialidade imortal, — *terribil!*

D. FRANCISCO DE NORONHA.

NECROLOGIA

Dr. M. Garcia Monteiro

No seu rodar atroz, acaba a morte de arrebatado ao extremo carinho dos seus, ao doce convívio dos amigos, o alto espirito, são e honesto, d'esse que em vida se chamou Manuel Garcia Monteiro, o poeta português feito medico na America do Norte.

Perdem as letras portuguezas um litterato de valor e a nossa colonia o seu unico membro de



DR. MANUEL GARCIA MONTEIRO

tal quilate intellectual. E, justamente porque o era, sendo, alem d'isso, um grande liberal, professando ideias avançadas, Garcia Monteiro era, para a colonia, quasi um desconhecido!

De facto, o poeta vivia quasi exclusivamente para a sua familia, para o convívio da meia duzia de amigos sinceros que hoje o pranteiam e, mais ainda, para os seus livros.

Sendo medico, a medicina nunca teve n'elle um cultor fervoroso; esse mistér era para elle apenas um meio de ganhar a vida e não um sacerdocio, na verdadeira acepção do termo. O seu espirito, todo phantasia, sempre poeta, esvoaçava carinhosamente em redor d'um livro de bons versos, d'um pedaço de legitima litteratura portugueza, deleitando-se, enlevado na sua contemplação, — e apenas passageiramente se demorava na leitura de qualquer tratado de medicina.

No entanto, a sua alma generosa e boa tornava-o extremamente carinhoso para os seus doentes; sofria com elles. Bastas vezes lhe ouvimos referencias a um ou outro caso critico entre a sua clinica, e isso preocupava-o imenso.

O que Garcia Monteiro teve de lutar, o trabalho, a somma de energia que teve de dispendir para conseguir formar-se ha 26 annos, estando na America havia apenas 3, — descreve-a elle nas suas cartas, por vezes recheiadas de amarga ironia, outras pungentes, dirigidas ao seu intimo amigo o general Henrique das Neves e por este escriptor publicadas no seu livro *Individualidades*.

Mas este «insular vivo e scismador, de compleição lymphatica e graças juvenis», como lhe chamou Fialho d'Almeida, não pôde nunca ser apreciado como medico; nasceu poeta e sonhando viveu toda a atribulada vida.

Uma creança ainda e já elle versejava pelos periodicos da Ilha do Fayal, d'onde era natural. Aos 20 annos fundou na Horta um jornal, publicando, n'essa epoca, o seu primeiro livro *Versos*. Já medico e aqui, compôz e imprimiu, elle proprio, o seu livro *Rimas de Ironia Alegre*, que tão festejado foi pela imprensa portugueza amante de bons versos.

Tornar a ver a sua terra, fallar constantemente a sua lingua, o seu portuguez — como elle dizia — era a sua constante preocupação, o ponto de tóque em todas as suas conversas.

Ultimamente andava muito empenhado em regularizar encontros com os seus poucos amigos intimos, para o «cavaco» genuinamente luzitano, a conversa dos cafés, sobre litteratura, arte, politica, sobre coisas portuguezas, é que o deleitava immenso.

E morreu fallando portuguez, consigo mesmo, rodeado apenas por pessoas a quem essa lingua é extranha! Pouco antes do sópro gélido da Morte lhe cerrar para sempre os labios, murmurou, como em resposta a uma preocupação intima:

Tenho vincoenta e quatro... a minha idade!

A vida americana não possuía encantos para elle; quasi odeava os americanos.

Sendo um verdadeiro poeta, não se irmanava com o módo de vida pratico e activo dos nacionaes. «Tudo isto não passa de uma grande pasmaçeira industrial e egoista», — dizia-nos elle uma vez. Arrastava por aqui a existência do mesmo modo que um velho marinheiro a levaria n'um deserto, contrariado, estranho.

E, vivendo assim, n'um meio tão arido para elle, esse homem não era, comtudo, um revoltado; nunca o seu espirito denotava irritação. Sendo um character honestissimo, de maneiras sempre distinctas, o seu trato extremamente lhano nunca sofria alteração perante quem quer que fosse; captivava a estima de quem com elle de perto lidasse.

Alguem houve que o censurou por elle não se encarnar na vida activa da colonia. Garcia Monteiro não podia fazer isso. Era espirito elevado de mais para achar cabida no seio da nossa colonia; vivia fóra do seu meio, era um incomprehendido, d'ahi o seu afastamento de reuniões, de sociedades, de gente que o não entendia, que não sabia apreciar os lampejos do seu vigoroso talento.

E lá foi levado, na derradeira viagem, entre lutos e dôr, por caminhos á beira dos quaes não florescia madre-silvas como no seu Portugal, mas sim cobertos de neve, n'essa tarde triste do ultimo domingo, com o thermometro a 5 graus...

Era bem a temperatura que gela a voz ardente dos poetas!

Cambridge (Mass) — 15 de fevereiro de 1913.

CAMILLO CAMARA.

Antonio Joaquim de Oliveira

Com 86 annos de idade e 60 de serviço publico, falleceu no dia 6 do corrente o sr. Antonio Joaquim de Oliveira, um batalhador incansavel na propaganda do principio associativo, sendo dos que ao lado de Sousa Brandão, Vieira da Silva, Lopes de Mendonça, José Torre, Silva e Albuquerque e o director proprietario d'esta revista, Caetano Alberto da Silva, muito concorreu para a organização das associações operarias, quando se iniciaram em Lisboa os primeiros trabalhos para esse fim.

Com Francisco Vieira da Silva, o illustre presidente do «Centro Promotor» e propugnador strenuo das classes laboriosas, cooperou incansavelmente na fundação de diversas associações de classe, prestando-lhes serviços relevantissimos.

Foi elle um dos fundadores da «Associação Typographica Lisbonense», essa collectividade modelar que deve a sua existência aos esforços das suas direcções, incansaveis promotoras de festas em beneficio do cofre, quando os recursos das quotisações não chegavam para acudir aos encargos da população associativa.

Na defeza dos seus ideias produziu muitos artigos doutrinaros de moralisadora e util propaganda, no jornal do «Centro Promotor», na *Tribuna do Operario*, d'onde eram collaboradores



ANTONIO JOAQUIM D'OLIVEIRA

effectivos Sousa Brandão e Lopes de Mendonça.

Fundou o periodico *A Federação*, onde collaborou com Francisco Angelo d'Almeida Pereira e Sousa, José Antonio Dias, José Mauricio Velloso e José Caetano Tavares.

O «Albergue dos Invalidos do Trabalho» registra o seu nome como um dos mais prestantes elementos do seu desenvolvimento e da sua sensata administração. Ali exerceu o cargo de director-secretario perpetuo desde 1888, mostrando n'esse espinhoso cargo a muita dedicação que lhe merecia aquella prestimosa instituição.

Fazendo parte de diversas associações de classe quando a febre amarella irrompia em Lisboa, em 1854, levando a miseria e o lucto ás familias das classes menos abastadas, Antonio Joaquim de Oliveira praticou actos de abnegação e temeridade de tal ordem, como membro da Sociedade dos Artistas Lisbonenses, que para os galardoados, o governo lhe conferiu, por decreto de 14 de agosto de 1862, o grau de cavalleiro da Torre e Espada.

Tambem em 1878 a Sociedade Industrial d'Austria lhe conferiu a medalha de prata instituida por aquella corporação para premiar artistas distinctos.

Era o decano dos empregados da Imprensa Nacional de Lisboa, para onde entrou como typographo em 1853, começando a exercer em 1861 o lugar de revisor do *Diario Official*, cargo que desempenhou com inexcusable zelo e intelligencia, pelo que foi nomeado chefe da revisão do *Diario do Governo*, merecendo a estima e consideração dos superiores e collegas, privando na intimidade dos mais distinctos.

Pelo seu estado de saúde não lhes permittir a assiduidade que esses trabalhos requeriam, estava reformado desde 1902.

O seu funeral foi uma sentida homenagem prestada por todas as classes a essa existencia laboriosa e honradissima que se extinguiu, deixando da sua passagem pela vida uma bella prova do que póde a força de vontade, inspirada por uma alma boa e sincera e por uma intelligencia illustrada e esclarecida.

A' sr.^a D. Palmyra Amalia dos Reis Oliveira, sua desolada viuva, damos os nossos sentidos pezames.

JULIO ROCHA.



Os Meus Ocios, por Fonseca Baptista Tip. Minerva de G. Pinto Sousa & Irmão, Famacião.

E' este o titulo de um livro que o sr. Antonio Bernardo da Fonseca Baptista deu agora á estampa e de que nos oferece um axemplar, oferecimento tanto mais valioso, por se tratar de uma obra que não entra no mercado literario, pois não se vende. Um volume de 400 paginas in 8.^o, em bom papel, nitidamente impresso e profusamente illustrado. E' como que um livro de memorias, que o autor dedica a sua filha, a menina Aurora da Liberdade Baptista, principiando por uma auto-biografia, em que não só conta sua vida desde a infancia, como se refere a muitos casos que se ligam com os acontecimentos politicos dos ultimos tempos, em que tomou parte activa, sendo um dos que entrou na revolta do Porto de 31 de janeiro de 1891, e que teve de emigrar para o estrangeiro.

O sr. Fonseca Baptista mostra bem neste seu livro a sinceridade das suas convicções politicas, como o seu espirito de patriota.

Muito reconhecidos agradecemos o seu belo livro.

As Duas Revoluções Inglesas (1603 a 1688), segundo o plano de Guizot. *Biblioteca Historica* (Popular illustrada). Edição da Casa Alfredo David, encadernador, 30, rua Serpa Pinto, Lisboa. VII e VIII vols. desta biblioteca com tanto exito lançada no nosso mercado literario, devido, não só á sua bela apresentação e modicidade de preço, mas á boa escolha das obras, tanto por seus autores, como pelos assuntos que versam, como esta, *As Duas Revoluções Inglesas*, tratado pelo autorisado e sabio historiador francês, Guizot, para o que basta citar a sua *Historia da Civilização na Europa* e a *Historia de França contada a meus netos*.

E' com publicação de obras deste valór que a *Biblioteca Historica* tem firmado seus creditos.



ESTABELECIMENTOS MODERNOS DE LISBOA — LIVRARIA AUGUSTO SÁ DA COSTA & C.ª, ULTIMAMENTE ABERTA NO LARGO DO POÇO NOVO, 24

O progresso que se nota em Lisboa na apresentação dos estabelecimentos comerciais, vae-se estendendo tambem ás livrarias, como a dos srs. Augusto Sá da Costa & C.ª, inaugurada por ocasião das Festas da Cidade de Lisboa.

A nova livraria estabelecida no largo do Poço Novo, apresenta-se com um luxo de decoração magnifico, profusamente iluminada a luz electrica, o que lhe dá um aspeto dos mais atraentes.

Mas o que deve ainda mais atrair o publico é o grande e escolhido

sortimento de livros de literatura, ciencias e artes, quer nacionaes quer estrangeiros.

A coleção de livros de estudo é completa assim como a de todos os artigos de ensino da geografia, do desenho, da fisica, etc.

Apresenta tambem compendios de musica para o estudo no Conservatorio e um variado sortimento de musicas nacionaes e estrangeiras.

E' quanto devemos informar o publico para que visite esta bella Livraria.

Novidades Literarias

Contos e Digressões, por Caetano Alberto, 1 vol. illustrado e cartonado com linda capa completa novidade..... 500

A Casa Submarina, por M. Pemberton, romance no genero de Julio Verne, Vol. illustrado e com capa a cores 300

Na Empresa do Occidente e nas principaes livrarias

Agua da Fonte Salus

VIDAGO

E' a mais rica em mineralisação d'entre todas as aguas alcalinas da Europa. Avanta-se a todas pelas bicarbonatos de potassio, de sodio e de lithio. E' o que acaba de ser confirmado n'uma notavel communicação feita á Sociedade de Quimica Portugueza, publicada na «Revista de Quimica» n.º 98, de fevereiro ultimo — pag. 40 a 43 — pelo sabio professor de Quimica da Universidade de Lisboa, sr. Achilles Machado, sobre a resistencia electrica especifica das aguas alcalinas de Portugal, Hespanha e França, em que afirma que a proporção de bicarbonatos alcalinos da Salus é superior á de Vidago n.º 1 (de caudal insignificantisimo) e até a mais mineralizada de Vichy — fonte Célestins.

A Salus, de caudal muito abundante e permanente, é extremamente gazosa, conservando-se engarrafada melhor que nenhuma outra.

Eficacia reconhecida nas doencas do estomago, do figado, dos intestinos, dos rins, doencas dos paizes quentes, diabete, gota, artritismo, etc.

Indicar sempre nos pedidos Fonte Salus. Não se querem confusões com as outras aguas de Vidago.

Deposito Geral em Lisboa

PHARMACIA E DROGARIA PENINSULAR

39, RUA AUGUSTA, 45

J. P. BASTOS & C.ª

Deposito no Porto

246, RUA ALEXANDRE HERCULANO, 246

Endereço telegraphico: PENINSULAR-LISBOA — PENINSULAR-VIDAGO

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e brônchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com Medallas d'Ouro em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C.ª, Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias